

# GRUPO DE CIRCO TEATRO PALOMBAR

<b>ENTREVISTADOS:</b>	Paulo Wesley dos Santos Victor Eder Giuseppe Flor Farina Marcelo Nobre Orquiza
<b>Localização da atividade:</b>	Cidade Tiradentes
<b>Área de Atuação:</b>	Circo - Teatro
<b>Data da entrevista:</b>	18/08/2020
<b>Entrevistadores:</b>	Renata Eleutério – CPDOC Guaianás

## BREVE DESCRIÇÃO

O Grupo Circo Teatro Palombar nasceu em julho de 2012, a partir do processo de formação artística realizado pelo Instituto Pombas Urbanas no bairro Cidade Tiradentes. São parte de uma geração de grupos circenses formados em escolas de Circo Social. Encontraram fora da lona um lugar para exercer o trabalho artístico. São jovens unidos pelo circo-teatro para expressar e comunicar ideias. A partir do estudo do circo, do teatro e da música, criaram um repertório de três espetáculos e estão consolidando características próprias no atual contexto do circo. Um coletivo com treze integrantes que mantém um processo cooperativo e contínuo de pesquisa e criação. Eles tem a arte como projeto de vida e desenvolvem um trabalho de formação de crianças e jovens a partir dos conceitos do Circo Social.

## ENTREVISTADO:

### PAULO WESLEY DOS SANTOS VICTOR

## ENTREVISTA TRANSCRITA:

Meu nome é Paulo Wesley dos Santos Victor, eu tenho 26 anos, e sou palhaço como profissão, e faço parte... eu sou um dos fundadores e faço parte também do grupo Circo Teatro Palombar. É... o grupo Circo Teatro Palombar... Vamos lá. Não tem como falar do Circo Teatro Palombar e não falar do Centro Cultural Arte em Construção. O Centro Cultural Arte em Construção foi aonde iniciou as aulas de circo, de um bando de crianças e jovens que dentro das suas perspectivas não tinha tantas opções de lazer e cursos a fazer. Então, a partir do momento que o grupo Pombas Urbanas chegou no Centro Cultural Arte em Construção, eles e se envolveram algumas atividades artísticas e dentro dessas atividades tem o circo né, que era tão pouco conhecido com a população aqui do bairro, né. Imagina, você antigamente falar que você vive

de circo ou vai ser ator, ou vai ser palhaço em 2005, 2006... era um contexto totalmente diferente, né. Por que as oportunidades que são geradas no bairro tanto pra jovens e crianças, são atividades mais é... levadas para outro ponto, num emprego formal, aonde você consegue um curso de eletricista, um curso de pedreiro, mas artista é uma realidade um pouco diferente, um pouco distante né da gente aqui.

Então o que acontece? Quando surgiram as aulas totalmente gratuitas, comecei a... eu fiquei sabendo na escola a partir de uma divulgação, que ia ter aulas de circo e quando eu soube que ia ter aula de circo, eu quis fazer, porque eu achava que o local que eu ia fazer aula de circo era um local longe, que eu ia precisar pegar o ônibus e meu barato era andar de ônibus, né. Não era nem na verdade fazer os cursos, né. Comecei no teatro fazendo teatro infantil, isso com uns 12 anos, e com 12 anos continuei a minha pesquisa mas só que eu fui para o lado do circo, foi aonde eu me apaixonei e consegui entender a importância do palhaço na sociedade, né. Foi uma... aquela famosa... parece um filme de romance né, bem clichê, mas foi aquela famosa paixão à primeira vista.

E essas crianças né, que no caso tinha 12 anos e a média das crianças eram entre 12, 14 e 15 que faziam aula de circo, começaram a crescer - continuaram crescendo na verdade - e enxergar no circo como uma possibilidade de vida também, né. Aí, foi onde a gente começou a entrar nas nossas casas com uma outra perspectiva, entrar nas nossas casas falando: “Ó mãe! Cê sabia que palhaço é uma profissão? Cê sabia que ator, atriz é uma profissão?!” Aí todo mundo ficava na ansiedade, né, de “Ai, cê vai pra Globo?!” é Globo... é Globo... ou é... outras mídias fortes. Até o momento em que você no início também fica assim: “Putz, um dia eu vou pra Globo! Um dia eu vou pra Globo”. Aí você vai crescendo e cê vai falando: “Não, pera aí! calma aí!” Tem outros eixos, tem outras formas de falar arte, de expressar arte. Não precisa de uma grande mídia pra que você consiga expressar aquilo que você quer, que muitas das vezes é entendido por você ou pela sua comunidade que você vive, né.

E foi um processo muito importante, porque o circo começou aqui como um eixo artístico e se tornou uma ferramenta de educação, que começou, o Pombas urbanas, começou a dar aulas de circo social e circo social tinha um papel, exemplo: quando nós éramos pequenos, nós não conseguíamos fazer fila um atrás do outro, por quê vivia à porrada, a brincadeira era porrada, era briga... e o Adriano começou a ver aquilo, algumas ações que nós tínhamos, e começou

utilizar o circo como uma ferramenta social, uma ferramenta que ele fez... ele diz, né, que quando ele chegou aqui pra dar aula de circo, ele demorou três meses para aprender andar de monociclo, que é um... é como se fosse uma bici..., o monociclo é um equipamento como se fosse uma bicicleta só que com uma roda só, né. E aí ele demorou três meses a aprender o monociclo e deixou o monociclo aqui um dia na área amarela e quando ele chega, ele viu um menino que pegou um monociclo pela primeira vez e começou a andar, aí ele falou: “Pera aí, esse menino tem uma capacidade imensa, porque eu demorei três meses para aprender um equipamento que o menino em um dia, minutos, conseguiu andar!”, mas quando foi conversar com o menino, foi falar com o menino, ele não sabia ler. Aí ele falou: “ah... então, beleza. Óh! O monociclo: cê sabia que o monociclo envolve matemática? cê sabia que o monociclo envolve português?”. E aí, foi começando atividades de letramento com nós, com a gente né, que éramos crianças, e nós fomos crescendo e vendo o circo como uma possibilidade de vida. Daí então, essas crianças se tornaram jovens, e esses jovens começam a enxergar o circo como uma possibilidade de vida, como uma possibilidade de renda também.

Então, conforma um grupo chamado Circo Teatro Palombar que - acho que nós, acho que nós temos, não... Eu sou péssimo de data tá, mas nós temos nove anos, dentre oito e nove anos de existência e o Circo Teatro Palombar, hoje pra gente, é um motivo de muito orgulho, porque nós vivemos no maior Conjunto Habitacional da América Latina, numa população de 300 e poucos mil habitantes, quase 400... que dentro desses habitantes tem um grupo de circo, um grupo de circo local, um grupo de circo periférico, que é uma linguagem que a gente leva e acredita, muito. Porque, durante todos esses anos nós tivemos convites pra fazer outros trabalhos, e sair pra fazer outros shows e tal e preferimos fazer juntos, porque aqui nós somos uma família, nos identificamos na forma de fazer, de agir. E durante esse tempo, a nossa pesquisa vem com eixos do circo, teatro e a música, são eixos que a gente trabalha e envolve nos nossos trabalhos de shows e apresentações, né.

Acho que essa transformação e essa mudança parte de um ponto muito profundo e importante pra gente, porque quando eu cito que antigamente fazer circo não era uma possibilidade de vida, porque eu acho que todos nós aqui - nenhum de nós na verdade -, somos filhos de circenses e além de não ser filhos de circenses, vivemos uma realidade que muita das vezes não nos permite ter tantas opções, assim, de escolhas, é: “Ah, eu quero ser feliz fazendo isso”, né. Antigamente para a gente era uma questão, a gente... parece que a gente já nascia com um manual do que a

gente vai ser, né? Ah, então eu vou ser um pedreiro, eu vou ser um eletricitista, eu vou ser um advogado. Por que são as coisas que chegam na gente, chegavam na gente naquela época, né. Então o que que acontece, tiveram muitos valores que o circo ele vem e potencializa os aprendizados que nós tínhamos e, além de potencializar, nos faz refletir em ações que nós tínhamos enquanto ser humano, que antes de aprofundar nossa pesquisa na arte e entender o que a arte trabalha, que essa comunicação com o público, a comunicação com o outro; com a pessoa; o que a pessoa sente; o que a pessoa quer; a responsabilidade de se fazer a graça, com um olhar aonde a gente exalta muita das vezes as pessoas que dentro da sociedade já são os humilhados, entendeu? E muita das vezes, não é que humilha mas mostra um outro olhar das pessoas que na nossa sociedade/comunidade muita das vezes são exaltados, né.

Então essa transformação ela vem de diversos pontos. Antigamente, imagina, cada um tinha um saber, uma cultura, assim como nós somos, né. Normal. Mas quando a gente chega, a gente entende a importância de respeitar o outro, a importância de também se entender, a importância de saber que você é livre para fazer o que você quiser e que o outro também é, né. Então o circo ele me trouxe muitos valores, muitos, eu antigamente, o pessoal... trouxe pra todo mundo, mas antigamente... eu vou contar um pouco da minha trajetória de vida: eu, desde os 8... desde que nasci venho de uma família cristã, aonde eu acompanhava os cultos, né. E aprendi coisas importantes, assim, coisas importantes que eu quero dizer no sentido, a primeira vez que eu toquei um instrumento e peguei, foi dentro da igreja. Mas só que eu achava que, por exemplo, pra mim tocar, pra mim fazer as coisas era tudo dentro da igreja, então, aqueles saberes, os conteúdos - eu respeito quem é - mas eu, a partir do momento que eu entro e começo a fazer circo entendo a importância do palhaço na sociedade, que muita das vezes... tem uma frase que eu levo muito na minha vida que é: “o palhaço, ele é o ser que revela o invisível”, ele é o ser que, por exemplo, se a gente tá aqui numa entrevista e sente vontade, por exemplo, de peidar, o palhaço peida. Se sente vontade de arrotar, o palhaço arrota! A primeira vez que eu falo “peida” e “arrota” na frente das câmeras me bate aquela questão: putz! falei “peido”, falei “arroto”. Palavras que muita das vezes a gente é... condicionado a não falar, né.

Mas o importante... o palhaço ele vem e mostra: “Óh, ser humano, vocês são isso aqui”. Nós somos isso aqui. O palhaço, ele é aquela energia que me faz perceber e falar assim, quando eu for abordar um tema que seja difícil e fazer alguma comicidade através de um tema difícil, o porquê que eu estou fazendo isso? Se eu quero reforçar uma... um estereótipo, ou se eu quero

reforçar algo que já está colocado, ou se eu quero mostrar que isso é uma possibilidade, e essas ações que acontecem são uma possibilidade de transformação, que a gente pode partir de um outro ponto de vista. Por isso que tem referências como Charles Chaplin, entendeu? Como Charlie Chaplin e outras referências que para gente são... são muito boas de resistência, de entender que o palhaço é sim uma profissão, tanto quanto Lá Mínima, Lona Preta, Circo no Asfalto, são grupos... La Mala... Cia La Mala, são grupos que nos mostram a importância de se transmitir um conteúdo aonde chega em todos, literalmente em todos.

Um dia a gente foi apresentar aqui na Favela Maravilha que é um dos pontos do bairro aqui da comunidade Maravilha. E chegamos lá, meu, foi um dia incrível, e dentro desse dia incrível tiveram depoimentos que nos chamaram bastante atenção, como de um pai que tinha cerca de umas quatro crianças, e assim, a comunidade Maravilha é uma comunidade que não tem saneamento básico, não tem aqueles parquinhos que você vê em outros lugares, aqueles brinquedos de fácil acesso que você vê em outros lugares para as crianças se divertirem. E quando a gente apresentou lá, além de ver todo o contexto de garra das pessoas, porque os verdadeiros malabaristas são as mães, são as mães daquelas crianças, não somos nós que estamos indo lá para apresentar. Mas pra gente tava sendo muito importante, porque é uma comunidade que é dentro do nosso bairro. São pessoas que a gente fala com a nossa língua, com o nosso linguajar, com o nosso... com nossa linha de pensamento. E um pai virou e falou assim pra gente: eu quero agradecer, por vocês, pela oportunidade que vocês têm de demonstrar a arte de vocês pra minha filha que muitas das vezes não vê uma referência pra cá, pros meus filhos que não vê uma referência pra cá. E a partir daquele dia, que aquele homem falou aquilo, pra mim, bateu muito forte, e eu fiquei tão feliz que... tem um ditado que eu levo e gosto bastante, que naquele dia, me fez ressaltar a importância de quantos menos dentes tem a boca maior é o sorriso. Então, aquela comunidade, do jeito que eles abraçaram o nosso projeto, do jeito que eles participaram do espetáculo, foi uma coisa incrível assim pra gente.

## **ENTREVISTADO:**

**EDER GIUSEPPE FLOR FARINA**

## ENTREVISTA TRANSCRITA:

Meu nome é Eder Giuseppe Flor Farina, tenho 28 anos e hoje eu integro o grupo Circo Teatro Palombar há aproximadamente seis anos - seis ou sete anos - enfim, a minha chegada é um pouco diferente, do grupo Circo e Teatro Palombar por que os integrantes que formam esse grupo, em sua maioria, eles foram formados através das aulas de circo do Instituto Pombas Urbanas, desde assim, a sua origem, né, fazendo aulas de circo, enfim... E eu cheguei aqui um pouco mais velho, eu tenho 28, cheguei aqui com 20, 21 anos e tinha acabado de ser mandado embora do meu serviço, eu trabalhava com farmácia. Tive um pai e uma mãe... tenho um pai e tive uma mãe que trabalhava com farmácia, então, eu fui meio que educado pra isso, pra trabalhar. Trabalhei seis anos nesse ramo, e vim fazer uma oficina que eles estavam dando, não conhecia o Instituto Pombas Urbanas e dessa oficina... como na época, ao mesmo tempo que eu trabalhava em farmácia, eu tinha uma banda de rock né, e aí fazendo as oficinas de circo, eu tinha um pouco desenvoltura física também, eles me chamaram pra integrar a banda do circo.

E aí, eu lembro que uma vez a gente apresentou no festival chamado Festcal em Campo Limpo, a gente apresentou para cerca de 150 crianças, aquilo tudo de graça... e para mim que vinha do mundo bem capitalista, do trabalho, da carga horária, e a banda que rachava para todo mundo o dinheiro - “ah... R\$ 50,00 pra cada é pouco” - a gente teve um trabalho de um dia inteiro, que ninguém ganhou nada e isso me tocou muito, eu falei: poxa, eu vou ajudar essa galera aí.

E aí dentro dessa apresentação, eu me comprometi mais a ajudar os meninos, aí eu fui ajudando, fazendo... e quando eu fui ver, eu me inseri no grupo, aí comecei a aprender malabares, um pouco de palhaço, eu já tinha essa coisa de banda, então, comecei a trazer elementos da música: gaita, violão, baixo. E aí, depois a gente quis melhorar nossa banda, por que era uma banda meio que de rock né, tinha baixo, guitarra, era muito equipamento de som, e a gente falou assim: não, a gente tem que começar a tocar sopro. Através de intercâmbios com outros grupos que acontecem no espaço do Centro Cultural e aí, enfim, a gente começou a estudar sopro; saxofone, trombone... e hoje no grupo eu me identifico mais com essa parte assim, de música, palhaço, malabarista e também um pouco de portagem que é a parte da... de acrobacia do circo, mas da parte da pessoa que recebe, a pessoa que faz o salto, a que joga...

É interessante, porque assim, tem muitas companhias grandes de circo que a gente vê o espetáculo e a música não é ao vivo, né. E a gente tinha essa pegada de querer fazer a música ao vivo. Então a gente circulou muito tempo com o espetáculo chamado “Uma Arriscada Trama de Picadeiro e Asfalto”, também uns três, quatro anos, fizemos mais de vinte ou trinta cidades do interior e com o acordo de um projeto, a gente fez um espetáculo chamado “A Novidade É Milenar” e esse espetáculo foi que a gente queria dar um salto de qualidade que a gente... porque assim, a gente aprendeu aqui e aí tinha aquela coisa assim: pra galera do circo a gente fazia teatro, pra galera do teatro a gente fazia circo. Então, a gente precisava dar um salto de qualidade.

Então a gente tinha um projeto... foi o VAI 2 que a gente foi contemplado, a gente conseguiu comprar equipamentos de som, de sopro, conseguimos montar um cenário e trabalhar com um equipamento chamado báscula, que é um equipamento que é como se fosse uma gangorra que uma pessoa pula, outra salta e a gente fazia saltos mortais. E a partir desse espetáculo a gente conseguiu, sim, conquistar um repertório artístico. Aí a gente fez já o nosso terceiro espetáculo, “A Fabulosa Charanga dos Excêntricos”, a gente fez a intervenção “Um Beijo para Benjamin”. Porque conforme a gente ia trabalhando e ficando mais tempo juntos, tinha uma galera que saía, porque foi sempre um processo muito fluído, então, trabalho... eu já cogitei sair, teve pessoas que saíram, eu cheguei onde tinha pessoas que tinham seis anos que tiveram que sair, porque... é um trabalho muito difícil, porque, como somos em muitos, cada um tem a sua necessidade pessoal e isso é natural, né.

E aí, a gente tem que saber quando é que a necessidade de um é maior que a necessidade de outras 11 pessoas, e nem sempre essa necessidade vai poder ser contemplada. Isso é totalmente natural, mas conforme foi passando o tempo, a gente foi tendo mais sintonia e hoje a gente já tá com cinco espetáculos, estamos rodando com o espetáculo chamado “Esquadrão Bombelhaço”, a gente faz muita coisa juntos e é tudo muito muito massa, né. Porque a gente conseguiu constituir isso através, assim, do querer fazer, do fazer junto, da nossa amizade... e é por aí...

A gente do grupo, a gente trabalha de uma maneira, como... é um pouco que vem do Pombas Urbanas, eles tinha um diretor chamado Lino Rojas, que ele trabalhava com conceito do ator orgânico, né? Aquele que cria, produz e administra sua própria arte. Então em cena estamos todos. Lógico que que, em cenas cada um tem a sua aptidão e fora de cena também, então, por

exemplo, eu como gosto muito de música, gosto de malabares, eu pego um pouco dessa coisa do malabares, toco alguns instrumentos, né? E aí fora do grupo, fora do grupo não, fora de cena, como não tem quem faça pela gente, a gente teve que aprender a fazer: captação, iluminação, som, produção, escrita de projetos. Como eu já trabalhava com música, eu entrei no grupo, integrando a equipe de som, então eu montava som, aprendi ali a operar mesa, equalizar os instrumentos. Depois foi passando o tempo, e como eu gosto muito de ler, eu fui para essa área, assim, de escrita de projeto, release, assessoria de imprensa.

Então a gente se divide para a gente tentar nivelar os saberes de cada um e as potências. Então, por exemplo, eu e o Gui a gente faz projeto e trabalha com a palavra escrita. O Léo faz o material gráfico, o Marcelo e o Paulinho, captação. Rafael e Dinho, administração. Henrique e Vini, produção. Lógico que quando uma das áreas pede mais que a outra: “ó gente, precisa de uma produção que precisa de todo mundo”. Aí todo mundo abre mão, a fazer uma coisa só. Porque no grupo, assim, a gente trabalha igual, o nível é igual e hoje a gente tem muito, assim, né, muito esse conceito, assim, do trabalho e da amizade bem nivelado, mas, antes quando a gente era mais novo, o Adriano, que é o nosso diretor, que ele conseguia nivelar isso, puxar isso um pouco mais e a gente não tinha às vezes uma sabedoria e maturidade para saber lidar e pra saber distinguir o que é amizade, o que é profissional... enfim, essas coisas.

Bom, então assim, atualmente a nossa equipe ela se subdivide em onze ou doze integrantes, né. Eu falo onze ou doze, porque a gente tem uma pessoa que contribui muito com o nosso trabalho, que é o Joilson, que é nosso professor de música. Então nem sempre ele tá por aqui. O trabalho dele é um pouco sazonal, mas ele tá sempre, é... ajudando a gente com as músicas, as músicas são autorais, todos os espetáculos a gente trabalha com músicas autorais ou ele que escreve uma partitura ou a gente escreve uma música em parceria. É muito massa! E os outros onze, esse elenco fixo, é formado por: o Adriano, que é o nosso diretor; o Big que ele é assistente de direção e hoje é técnico de som; e os outros nove, a gente divide com essas equipes, assim: produção, administração, captação e comunicação. E aí a gente divide assim para a gente trabalhar de uma forma que assim, que o nosso trabalho fique nivelado e assim, cada um cuida da área que têm mais aptidão. Em cena a gente faz tudo: a gente faz a nossa própria luz, faz o nosso próprio som, todos se maqueiam. Mas lógico que, quando algum tem alguma dificuldade, a gente sempre se ajuda e também quando a gente começa a dominar uma área a gente também vai permeando outras áreas, pra gente poder aprender e se ajudar cada vez mais, né.



Atualmente, o grupo passa por um momento difícil, né? Que a gente tá num quadro de restrição social... e que é muito triste para gente, porque, eu costumo falar, por exemplo, assim, sarais do meu bairro, aqui da comunidade, que eu moro numa favela ao lado aqui da Tiradentes, que é a Terceira Divisão, sentido Ribeirão Pires. Não tem nada lá, né? Enfim, aí muitas vezes meus amigos falam: “Pô, você não aparece nos rolê da quebrada e tal...”. E aí, eu brinco assim, “Cê já foi ver uma apresentação de circo, nossa? Cê viu as minhas últimas apresentações?”, e as pessoas ficam sem graça, e falam assim: “Pô, foi mal, é porque... tá foda, é difícil ir”. Aí eu falei assim: “Não, não tô cobrando. O que eu quero dizer é o seguinte, se nem os meus amigos, eles não vão ver uma apresentação minha porque não é parte da nossa cultura, imagina como é que eu faço para viver disso?”. Então, assim, o nosso grupo, é um grupo que trabalha bastante, então a gente tava há oito anos só subindo... só subindo... a gente montou espetáculos, colou três anos, aí lançou outro espetáculo, foi um ano, já lançou o terceiro em seis meses, aí já lançou uma intervenção, aí lançou “Esquadrão Bombelhaço”, a gente fez Taquaruçu, foi pro Picadeiro Móvel no Rio de Janeiro, fez festival de Londrina, fez festival de Mariana, conseguimos viagem pra Colômbia, tava muito massa! E aí, esse momento agora, ele gera muita incerteza pra gente, porque como a gente é um grupo grande, é muito difícil alcançar a nossa sustentabilidade e o próprio nivelamento de entendimento, porque o mais novo tem 20, o mais velho tem 36, né. Tem quem mora com os pais, tem quem mora sozinho, tem quem tem filho, tem quem não tem, então é muito difícil, ainda mais, tendo em vista que muitos grupos estão se acabando. É um momento muito difícil emocionalmente também. Eu, por exemplo, perdi minha mãe bem no começo dessa pandemia, tivemos amigos que também que perderam uns parentes e tals. O que... nos salvou, digamos assim, é que fomos contemplados pelo edital da Lei de Fomento à Periferia, e aí a gente tá conseguindo manter o nosso trabalho. Só que, lógico, tivemos que adaptar, então, assim, assim como eu tô aqui falando hoje, teve que ter um revezamento na escala de quem vem para o galpão, a gente não vem mais pro galpão todo dia. Antes a gente folgava de segunda - porque geralmente se apresenta de sábado e domingo - agora de segunda a gente grava as aulas, né? E aí, a gente tá treinando as técnicas que a gente se dispôs a aprender no projeto, e aí a gente vai tentar ver se consegue conseguir concluir as apresentações que restam pelo projeto, de uma maneira on-line em parceria com outros espaços, pra a gente tentar contemplar e alcançar esse público que a gente estimava no projeto. E vamos nessa, né.

A gente trabalha com o público local da comunidade. São os nossos iguais, ex-amigos de escola né, pessoas que não integram mais o grupo, que ainda assim, vem nos ver e fala: “poxa que legal, né”. Tem muitas vezes que vem amigos nossos, né. E o público que frequenta o Centro Cultural Arte em Construção, porque além dos trabalhos artísticos..., além do trabalho artístico que a gente tem, a gente trabalha com a aula de circo, teatro, pra jovens, pra crianças. O espaço há anos atrás, também abarcou outras linguagens, com dança, capoeira, e aí, é um público que sempre circula pelo espaço e faz aula, ou vai acessar a biblioteca comunitária... e a gente fala: “Ó, tem espetáculo novo!”. Então geralmente nosso trabalho é pras pessoas de periferia, é para os nossos parentes, os nossos amigos, para nossa comunidade. Mas a gente fica muito feliz que depois de uns 5 anos mais ou menos, a gente conseguiu conquistar o espaço no meio artístico do circo de São Paulo, que é muito difícil, mas a gente já conseguiu, já dividiu o palco com nossas referências, com La Mínima, Zanni, com La Mala, entre outros grupos.

## **ENTREVISTADO:**

### **MARCELO NOBRE ORQUIZA**

## **ENTREVISTA TRANSCRITA:**

Meu nome é Marcelo Nobre Orquiza, eu tenho 29 anos, eu faço parte do grupo Circo Teatro Palombar desde a sua formação. Antes disso, eu desenvolvia ações com uma orquestra, eu era aprendiz numa orquestra e também trabalhei em empregos formais de vendas, essas coisas. Aí com mais ou menos 18 anos, eu vim fazer aula aqui no Centro Cultural e tinha esse grupo de circo infantil, né. Circo infantil, que era um grupo de circo jovem, porque todos os meninos estavam em volta dos seus 16, 17, 18 anos, era um grupo muito misto: meninos, meninas, tinha umas crianças de seis, sete anos, e daí a gente decidiu formar o grupo, isso em 2012. Então, o grupo hoje vai fazer seus oito... vai caminhar pros nove anos.

A gente tá nesse processo de estruturação desde o seu início, que era uma coisa de tornar este grupo um projeto destes jovens, que hoje já não são mais jovens, né? Já tenho 29 anos, tô ainda desenvolvendo várias pesquisas dentro das... das linguagens artísticas, né. Dentro do grupo eu entrei através da vertente da música, né. Porém, eu, já logo no início, eu já era maior de idade, num grupo de menores de idade, e tinha um número de pirofagia, de “cuspir” fogo, então eu já entrei em cena para cobrir essa necessidade que o grupo tinha, que alguém manipulasse fogo e

fosse maior de idade. E logo comecei assumir coisas burocráticas, porque eu fiz cursos de administração, e a gente tinha enquanto grupo, a intenção de escrever projetos, tipo VAI, pra Incentivo e pra Funarte - que tinha o Carequinha na época - então, como eu era o mais responsável ou o maior de idade no grupo, eu assumi essas funções administrativas, né. O grupo tem essa história de sempre desenvolver a ação do artista orgânico, né. Que além de ser artista, o que que você faz, né? Então, você tem que desenvolver alguma coisa fora do artístico, fora do palco, então, eu sempre encabecei mais essa questão do... administrativo, captação, vender espetáculos.

É... o grupo tem essa questão de ser um coletivo, dentro de uma trajetória que dentro dos circos, né. Os grupos de circo não tem muitos coletivos grandes, e uma coisa é que a gente foi ensinado a trabalhar em coletivo, desde as coisas mais pequenas, tipo: “Ah, vamos comer?” “Vamos! Mas vamos num lugar em que todo mundo consiga sentar à mesa e comer junto”. Sabe? Se todo mundo vai comer marmita de R\$ 10,00, é todo mundo R\$ 10, que a marmita é coletiva... A primeira apresentação que a gente vendeu pro Sesc Itaquera, foi a nossa primeira apresentação..., a gente não tinha DRT, e aí a moça lá do administrativo falou: “Ó, vocês precisam ter DRT”. E a gente nem sabia o que era DRT: “Ó, o que é DRT?”. Aí a gente foi estudar, foi pesquisar, e foi falar: “Pô, a gente precisa de uma grana para tirar o DRT, mas a gente não tem a grana, porque a grana vai vir a partir das vendas que precisam ser feitas”. Então, coletivamente a gente juntou todo mundo e foi pro farol na travessa da Itaquera com Aricanduva e fez um dia inteiro de farol, e levantou a grana do DRT e fez o DRT de todo mundo, e conseguiu apresentar no Sesc, mas sempre com esse pensamento coletivo, né? Porque... havia outras maneiras? Sim. Cada um se virar e pegar dinheiro emprestado para conseguir tirar o seu DRT, que é uma coisa pessoal, mas a gente sempre tenta buscar essa coisa de ser coletivo, né. De trabalhar coletivamente o seu ofício, né, no seu fazer artístico.

Até em distribuição de folha salarial, todo mundo recebe a mesma coisa. Então não importa se eu faço captação, se o outro é diretor, se o outro só tá na produção e só entra em cena pra colocar um balde: todo mundo recebe igual uma cooperativa. Todo dinheiro vai pra uma conta única, eu administro essa conta, que as saídas são os repasses mensais. Então, em época que não estávamos no isolamento social, a gente tinha Circuito Sesc fechado, tinham várias coisas que foram canceladas e que todo dinheiro vai para esse fundo, o fundo além de pagar as contas do

espaço físico, que é o galpão, que a gente gere coletivamente com o Pombas, paga a ajuda para todo mundo coletivamente.

É o grupo tem essa coisa de entender o circo de uma forma muito diversa, né. O circo é uma linguagem artística, né. Ele é muito diverso, ele pode ser feito dentro da lona como fora da lona. Tem muita pessoa que imagina que o circo está preso em uma estrutura arquitetônica, que é a lona! Então fora de lona não tem circo, a gente acredita que não, que o circo pode ser feito em qualquer lugar: praça, rua, galpão, lona e até mesmo no farol. A gente por muito tempo requisitou o farol, porque o farol é uma forma de dinheiro rápido, né. Porque você apresenta um número super curto, de um minuto, dois minutos e já passa o chapéu e já tem um recurso. Quando a gente fez o chapéu pra levantar o dinheiro, a gente fez meio que um combinado com a SATED, que é conseguir tirar os DRTs por R\$ 800,00. Então, tipo, iam ser acho que oito DRTs por R\$ 800,00 reais tipo, ia sair R\$ 100,00 reais cada DRT, que na época tava custando, tipo, uns R\$ 200,00; R\$ 250,00 a DRT de palhaço. A gente escolheu tirar DRT de palhaço, porque o palhaço pode tudo. O palhaço pode ser trapezista, pode ser malabarista, pode fazer monociclo, pode “cuspir” fogo... senão, cada um ia ter que tirar um DRT de uma coisa, porque eu faço perna de pau, mas também “cuspo” fogo, mas também faço malabares, mas também faço palhaço... então para a gente pensar de uma forma mais coletiva, a gente falou: “Então vamos tirar todo mundo de palhaço” porque todo mundo é igual e a palhaçaria é uma coisa que o grupo tem enquanto estrutura de apresentação, correr atrás e fazer as ações.

Em formas engraçadas que tem, a gente se lembra uma vez, que a gente tem muitos jogos de palhaço, né. Então, em viagens a gente fica jogando esses jogos. Tem os jogos que é “Me Faz Rir”, então, a gente às vezes joga com o motorista da van, com o motorista do ônibus que tá com a gente... é o jogo de ele ficar sério e tentar fazer a gente rir. Aí rola de tudo, né? Soltar peido... falar besteiras. Então teve uma vez que a gente tava apresentando, indo pro interior, os meninos tavam viajando com um cara que é de circo também - mas ele tava fazendo esse trampo de condução -, que pra fazer o cara rir, os moleques combinaram de todo mundo peidar ao mesmo tempo. Olha como que as pessoas são (risos). As pessoas seguram o peido, para falar quando você tá com vontade o outro levantar a mão para soltar o peido todo mundo junto, pra tentar fazer o cara rir. Conseguiram fazer o cara rir, mas também ele ficou dirigindo com a cabeça pra fora do carro, assim, porque imagine, dez pessoas peidando coletivamente...

Eu acho que um momento de questionamento do grupo, foi há uns dois anos atrás, quando a gente se questionou sobre as piadas, os espaços das piadas. Porque o humor ele tá nessa linha muito sensível, do que é engraçado e do que pode ser ofensivo. A gente tinha um espetáculo e a gente fazia e nesse espetáculo tinha uma boneca, que era a “Nega Maluca”, que a gente ganhou de um mestre de bonecos né, que usa no nordeste, então era uma cena que entrava a boneca, o cara dançava com a boneca, batia nela, saía de cena e depois entrava o ator vestido de boneco e, tipo, falava que não ia mais aceitar essas agressões, que não era não, e o cara indo embora, e a boneca ficava, dançava sozinha e pegava suas coisas e seguia o seu caminho. Só que essa boneca era a “Nega Maluca”, e algumas meninas, negras, falaram para gente que é essa boneca era ruim, porque na infância delas a “Nega Maluca” era uma imagem ruim, porque as pessoas chamavam elas, um apelido, alguma coisa assim ruim. Então a gente entendeu que o que a gente queria passar enquanto mensagem, que era a questão da violência, não precisa ser passado com essa boneca desse jeito. Então a gente decidiu tirar ela e fazer de outros jeitos. Eu acho que o humor tem isso, né? Não existe uma fórmula fechada. Você pode ter mil fórmulas e o mais importante é que o riso seja de todos e não o riso quando é de um, apontando, né. E o humor, o palhaço, ele tem isso, de você rir de você mesmo, das suas características e a não apontar no outro, características do outro e fazer graça disso. O humor é muito sensível, a gente teve esse questionamento e até mesmo questionamento sobre posturas machistas, sobre piadas que não eram legais, em termos homofóbicos, porque tem muita piada assim, muitas esquetes e reprises antigas de palhaços e de circo que têm isso nas suas bases, então, a gente sempre pega piada, desconstrói ela e refaz ela. Eu acho que esse momento é um momento de crise, um momento de superação. É eu acho que o maior momento de superação é esse que gente tá passando agora, né. De tentar entender o que que é isso dessa pandemia, sobreviver e se manter em coletivo. Tem muitos editais que estão saindo para essa questão digital, só que não é uma coisa que todo mundo domina, eu mesmo não domino nada dessas coisas digitais, até para compartilhar coisa no Facebook eu consigo não compartilhar, compartilhar errado, porém, é uma coisa que a gente tá aprendendo agora, assim, de sobreviver e essa coisa assim.

O grupo já foi composto de mil formas: já teve meninos, meninas, já teve é... mil formações, e a gente sempre trabalha com uma coisa que é a formação, então, a gente não compõe elenco, não tem uma coisa assim... ai, o grupo... hoje em dia o grupo só tem homens, mas é uma coisa que aconteceu naturalmente, as meninas queriam desenvolver outros trabalhos e decidiram sair... e a gente não quer chamar “por compor elenco”, aí chamar cinco meninas, chama duas

japonesas, chama tal pessoa, tal pessoa. A gente não quer compor com esse sentido. A gente quer formar, né. A gente vem de um processo de formação. A pessoa tem que entrar no grupo porque ela quer, porque ela acredita nos valores que o grupo tem, porém, o grupo sempre tá aberto, tem várias pessoas que querem fazer estágio e querem participar dessa formação, mas sempre, nesse sentido: faz aula, faz um estágio, conhece o grupo, conhece o trabalho, acompanha em umas apresentações, e a partir daí a gente vai agregando. Um processo que a gente chama de “membranzia” que é essa coisa: “Não, vai chegando mais perto, vamos se tornando um” e a partir disso a gente compõe.

É... os processos artísticos de montagem de espetáculo, sempre são a partir de pesquisas de linhas dentro do que a gente faz. Então, o primeiro espetáculo, ele tinha a necessidade de se construir uma dramaturgia para rua, então a gente queria ocupar a praça do bairro, a quadra de futebol, os lugares aonde os jovens estavam, então, a gente construiu um espetáculo que levava o circo para esse espaço. A gente montava um trapézio, tinha as questões da banda. A gente levava um caminhão, era um caminhão de quatro metros com trapézio, equipamento de circo, equipamento de som e montava o espetáculo. E o espetáculo tinha sua linha dramática, a questão do palhaço, né, que queria a história da comicidade e a questão de números. Então a gente mesclou a história do circo, dos seus tempos de antigamente, tempos modernos e hoje, contando um pouco da história do circo, e o protagonista dessa história, ele vinha do público, então isso já colocava em foco que o público era protagonista e ele tinha que conhecer a história do circo e a partir daí ele se tornava parte desse todo, desse circo e seguia viajando com o circo. A segunda, segunda obra do grupo, o segundo espetáculo tinha um melodrama, enquanto foco da dramaturgia, que o melodrama é um gênero que surgiu no circo brasileiro que misturava a coisa que... é a telenovela hoje em dia: que tinha o mocinho, uma mocinha, o vilão, a vilã, os comparsas, e no final tinha uma reviravolta que ninguém imaginava e o final feliz, e nisso, no final, tinha um número. Então o circo usava isso pra agregar as pessoas, porque as pessoas não iam no circo antigamente pra assistir o mesmo número, elas iam para acompanhar essa historinha que ia dos dias, então eles conseguiam lotar o circo.

A gente montou um melodrama, uma história, um espetáculo, e a partir disso uma pesquisa dentro da búscula, que é um equipamento. Então a gente sempre tenta mesclar a linguagem, né, as técnicas e o que a gente pode agregar enquanto conteúdo, né. Porque daí no espetáculo tinha isso, que o dono do circo era um homem mas no final virou uma mulher, de uma forma

cooperativa: então todo mundo era dono do circo. Então a gente usa o circo enquanto uma ferramenta de linguagem mesmo. Aí o segundo número, o segundo número... O segundo espetáculo tinha a questão do melodrama e o terceiro a questão do “palhaço é centro musical”, o palhaço enquanto músico e como a música permeia as pessoas. Porque a gente percebeu que a gente utilizar a música ao vivo mexia com as pessoas, às vezes a pessoa ficava mexida com o número, mas muito mais com a música que era tocada ao vivo, então essa pesquisa do palhaço, comicidade e música. Então o palhaço que toca garrafa, toca serrote, toca sino, toca instrumento inusitado ou toca instrumento de formas diferentes. Eu e o Eder, tem uma música que a gente toca junto, mas eu toco instrumento dele soprando meu trompete, tocando sax, e ele toca o sax dele apertando os pistões do trompete. E tem as coisas das paródias, então a gente tenta colocar sempre essa pesquisa. Na paródia era uma letra que a Bárbara fez, que era sobre o feminismo e falar sobre as questões, então, a gente tem que usar isso como ferramenta, né. O circo não só como um instrumento de demonstração de habilidade, de conferência, né. Dessa coisa, “olha como eu sei jogar tantos malabares”, mas sim enquanto ferramenta. É o último espetáculo, que é o “Bombelhaço”, também. Ele tem essa questão da história, da estrutura, do desenho animado, mas sempre enquanto ferramenta e ocupação de espaços não convencionais, a gente faz os espetáculos para tentar apresentar em qualquer lugar. Uma que a viabilidade disso, se pode acontecer, não restringe, mas, também enquanto ferramenta, porque a gente acredita que o circo precisa realmente chegar a todo mundo, então a gente consegue tanto apresentar em um galpão, em um circo, no Sesc, aqui na quebrada, ali na quadra, na ocupação, em qualquer lugar.

O grupo tem uma questão com o nome, com a estrutura, quando foi formado, né. Porque a gente tem essa questão, o Palombar é uma palavra do vocabulário circense que significa “o ato de arrematar as cordas com lona, impermeabilizar”, então, um remendo. É um ato que as pessoas tinham quando a lona de circo estava rasgada. Era coletivamente, todo mundo parava o que tava fazendo, descia o circo e arrumava isso, costurava. A gente tem um pouco disso, porque o grupo, como um todo, não tem uma coisa de linhagem circense, então, ninguém é realmente de circo, a não ser o Vinícius, que o bisavô dele era de circo, mas o resto todo mundo é que nem eu, meu pai trabalha com coisa de tecelagem, o outro, a mãe trabalha de empregada doméstica. Então, é um grupo de crianças e jovens que decide fazer circo, e a partir daí a gente entende que esse nome Palombar, que significa a gente, porque é um ato coletivo e é um ato que se faz para remendar uma história, então, alguns filhos de tradicionais não querem mais seguir a arte

de circense e a gente quer, a gente pode não ter que é chamado serragem no sangue, mas a gente tem no coração a gente faz isso como ofício.

Aí aqui é quando o grupo ainda era um grupo de crianças, era um circo jovem, circo infantil e os professores que tinham na época, né. O Calado, o Adriano, o Osmar e a Marina, e a gente... essas crianças foram crescendo, né. Por um ato natural: algumas jovens foram ficando né, outros foram sendo mães e pais, e isso foi acontecendo naturalmente e hoje nessa questão realmente de formação, a gente sempre tá se formando. E a gente vai agregando coisas ao circo, né. O imaginário do circo enquanto esse circo de lona, estrutural mas o circo periférico, né, enquanto sua poética. A gente não acredita que é esse circo tradicional de lona. A gente não tem isso enquanto ideia de se fazer circo. A gente tem uma ideia de se fazer circo contemporâneo, mas também não é aquele contemporâneo que você vê da Europa... um contemporâneo... a gente quer fazer a nossa linguagem periférica. A gente acredita que gente chama o grupo de circo-teatro periférico, então, a gente tem isso, enquanto pulsante na gente, na nossa dramaturgia, na nossa linha dramática ou na nossa linha de ação. Porque a gente quer falar da realidade aqui do bairro, então a gente tem várias ações para isso.

O Palombar tem um processo engraçado, porque a gente precisava ter um nome, então escolheu circo-teatro: circo primeiro e teatro depois. Foi pensado, porque a gente entende que eles estão ligados, mas a gente é um grupo de circo que também é um grupo de teatro. Acho que os meninos devem ter comentado isso, mas a gente sentia muita um limbo, a gente nem era um grupo de circo e nem era um grupo de teatro. Que que a gente era? A gente falou: “Mano, a gente é um grupo de circo e teatro, a gente faz teatro e a gente faz circo”. O Palombar enquanto nome a escolha da logo, a escolha do nome, foi tudo coletivo. A gente fez vários nomes, várias ideia e por votação democrática foi decidindo até chegar num desenho, que foi esse desenho primeiro, que é a ideia da máscara do teatro, né. Só com um palhaço sorrindo e o outro triste. E depois é logo, né! Então ela foi mudando um pouco e hoje ela tem essa cara assim (risos). Um pouquinho mais redondo, um pouquinho mais bonitinha.

A gente tem um processo de sempre de fazer materiais, escrever, fazer almanaque. Tem a coisa do registro, da coisa... as mesclas de linguagem. Ela passa por uma linha de circo, teatro, música, arte gráfica, então a gente sempre pensa a arte de uma forma muito ampla. O circo tem isso enquanto sua estrutura, algumas pessoas falam que o circo é a mãe de todas as artes, porque



nele se faz tudo, se faz linhas artísticas em música, em dança, em composição cênica, em artes visuais, em teatro: então o circo é essa mescla de linguagens.

Além de usar essas habilidades, essas coisas que a gente vai aprendendo, roda de circo, cama elástica, cubo, malabares, pras apresentações artísticas a gente também usa enquanto ferramenta de transformação de saber. A gente faz parte da Rede Circo no Mundo que é uma rede de escolas e circo social, que tem pelo mundo inteiro, e tem no Brasil também a Rede Circo Social Brasil. A gente tem e acredita que o circo é uma ferramenta de transformação humana, então, hoje quem dá a aula de circo aqui no espaço, é o Palombar. Porque a gente aprendeu o circo, né? As técnicas, os conceitos sobre circo social. Então a gente precisa ser multiplicador de saber, se essa sementinha caiu na gente e semeou, a gente precisa jogar as sementinhas que hoje saem da gente e vá semeando esse conhecimento, esse saber, os conceitos de Circo Social, que é o conceito de transformação humana pra comunidade. Porque a gente quer que, na verdade, não tenha só o Palombar de grupo de circo. A gente quer que tenha, nesse conceito, nesse... a gente quer que o bairro inteiro tenha circo, que as pessoas possam fazer, ou se não for fazer circo, que a transformação humana aconteça. Que aquele menino, que aquela menina, venha para a aula de circo e aconteça o que aconteceu com a gente. Foi uma transformação humana. Transformar as pessoas em seres melhores, em pessoas melhores, com pensamentos, com senso crítico, uma visão de mundo que a gente precisa agora. O circo tem essa coisa dessa competição individual, mas também tem a coisa que agrega. Ele é acolhedor. Não tem estereótipo físico, a gente precisa de todo mundo, de todas as pessoas, de todos os pensamentos e o que faz o circo ser tão incrível e tão maravilhoso é porque ele é diverso. Ele agrega em lugar de excluir.

Tiveram muitos professores no decorrer da trajetória da formação do Palombar. Eu acho que uma pessoa que me iniciou isso foi o Adriano, que ele é do grupo Pombas Urbanas, então ele iniciou isso. Só que o Adriano sentia necessidade de ter pessoas com outras técnicas que ele não dominava. Então aí teve o Cosmai, que era acrobacia junto com a Marina, que eles fazem uma dupla de acrobacias de mão a mão. Teve o Calado, que era sobre comicidade, teve o Fernandinho... tiveram inúmeras pessoas e que eram de grupos também que a gente conhecia, teve o Fernando que já deu oficina, a Erica Stoppel que é do grupo do Circo Zanni. A gente vai agregando as pessoas que a gente conhece e se torna amigo delas. Hoje o legal é que essas pessoas veem a gente como referência de circo contemporâneo periférico e a gente tem essas

peças enquanto referência, né. Seja o Adriano, o Cosmai, a Marina, Fernando Sampaio, Erica Stoppel. Essas pessoas se tornam amigos e referências.